

081

100 1

O RAPTO DAS CEBOLINHAS

Madara Machado

(Cenário único)

É madrugada. Vê-se passar pela cena uma figura envolta numa capa preta, com um grande chapéu. (Os passos devem ser acompanhados do barulho de lixa raspando, reco-reco e pente de arame num tambor). Olha para todos os lados, penetra pela porteira da cerca, olha de novo para todos os lados, procura no chão, descobre o que queria, faz o gesto de arrancar, cobre o que arrancou com a capa, e pulando a cerca desaparece de cena, sempre escondendo o rosto. -Pausa- Começa a clarear, ouve-se o galo cantar e passarinhos. O coronel entra assobiando alegremente, carregando ancinho e regador. Entra na horta, para e grita.

CORONEL- Roubaram! Socorro! Socorro! Roubaram o pé de cebolinhas do Coronel Felício. Roubaram! (pausa) Quem terá sido? Quem teve coragem de roubar o pé da mais preciosa cebolinha que existe no Brasil? Onde está o Gaspar? (à parte) Gaspar é o vigia da horta. (chamando) Gaspar! Gaspar! ... (Ouve-se um latido, e em seguida aparece Gaspar, um enorme cachorrão.) Gaspar, quem roubou o meu pé de cebolinhas?

GASPAR- (Não fala, late com expressão humana, dando as inflexões necessárias) Uau...uau... (corre até os últimos pés de cebolinhas e cheira-os ruidosamente).

CORONEL- Foi você quem comeu a minha cebolinha? (Gaspar late que não) Palavra de cachorro? (Gaspar late que sim) (Coronel à parte) Estou em dúvida se cachorro tem ou não palavra. (a Gaspar) Então quem foi?

GASPAR- (Meio apavorado) Uau... uau... (indica com o focinho à direita)

CORONEL- Foi Florípides?

GASPAR- Uau... uau... (diz que não)

CORONEL- Foi Simeão?

GASPAR- Au... Au... (diz que não)

CORONEL- Gaspar, vá correndo chamar Florípides e Simeão. Quero to do mundo aqui. (sai Gaspar) Ah! Preciso descobrir o ladrão. Quem teria a coragem de fazer uma coisa destas? (chamando) Lúcia, Maneco! Onde estão os meus netos? Maneco anda cá, seu maroto. Lúcia, acorde, menina. O avô foi roubado!

Para leitura exclusiva para

TIPRE

LIVRE

10 " 65

(entram Lúcia e Maneco aflitos)

MANECO-- Você chamou, Vovô?

LÚCIA-- O que é que aconteceu, que você está tão nervoso, hem, vovô?

CORONEL-- Vocês não podem imaginar o que aconteceu!

MANECO-- De ruim ou de bom?

CORONEL-- De péssimo, ora!

MANECO-- Aposto que o seu reumatismo doeu a noite inteira.
(Coronel diz que não com a cabeça)

LÚCIA-- Morreu a vaca leiteira?

CORONEL-- (quase gemendo) Nada disse, nada disse.

MANECO-- Então o que foi?

CORONEL-- Ai...Ai...ai...

LÚCIA-- O tacho de melado quebrou?

CORONEL-- Não.

MANECO-- O bezerro preto desmamou?

CORONEL-- Não.

LÚCIA-- E a vaca malhada desmandou...

CORONEL-- Não.

MANECO-- A água do pôço vazou?

CORONEL-- Não.

LÚCIA-- E a horta inundou...

(O diálogo, é bem rápido, e as crianças quase não deixam o Coronel dizer não).

CORONEL-- Nada disso, nada disso; antes fôsse. Olhem lá dentro (aponta para dentro da cerca. Os dois meninos entram no cercado).

MANECO-- Oh!

LÚCIA-- Que horror! Pobre vovô! (para a platéia) Arrancaram o pé de cebolinha. (para o vovô) Quem foi?

MANECO-- Quem foi o ladrão, hem, vovô?

CORONEL-- Não sei ainda. Temos que descobrir. Ainda ficaram dois pés. Os últimos. (chorando) Ai, meu Deus! Estou tão abafado que nem posso pensar direito. Dois anos criando essas cebolinhas, e agora (enxuga os olhos)

LIVRE

os olhos na cortina).

LÚCIA- Fique mais calmo, vovô! Não se amole tanto. Mandaremos vir outras mudas iguais e elas vão crescer que nem capim.

CORONEL- (indignado) Lúcia, minha neta, não torne a dizer este absurdo. Você sabe muito bem que essas cebolinhas são diferentes. São cebolinhas da Índia. Quem toma chá dessas cebolinhas tem vida longa e alegria! E estas são as últimas que existem no Brasil...

MANECO- (interrompendo) Fale mais baixo, vovô. Você quer que outros ladrões apareçam para roubar as duas que sobraram?

CORONEL- É mesmo, meu filho. Todo cuidado agora é pouco. Irei até a cidade contratar um detetive para descobrir o ladrão. Prestem bem atenção no pessoal daqui. Todo mundo é suspeito. Vou me vestir e já volto. (sai)

MANECO- (acompanhando um pouco o avô) Pobre velho. Quem teria sido o ladrão?

(Ouve-se um miado, um latido e um relincho e em seguida entram os bichos).

MANECO- Aí vem os bichos. Florípedes venha cá. (ela se aproxima dengosa). Foi você quem roubou as cebolinhas do vovô?

FLORÍPEDES- (assustada vai até o canteiro, olha, mia, volta para junto de Simeão; mia com convicção dizendo quem não, tôda ofensiva.

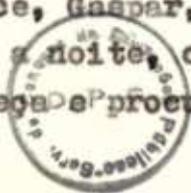
MANECO- Simeão venha cá. Foi você quem roubou as cebolinhas do vovô?

SIMEÃO- (com receio) Riiiiiii (faz que não)

MANECO- Mas vocês dormem aqui fora. Devem ter visto alguma coisa durante a noite. (a gatinha e o burro dão miados e relinchos significativos de que viram qualquer coisa, sim).

MANECO- Vocês viram o ladrão? (os dois miam e relinham que sim) Como era ele? (os dois se olham um pouco e depois passam pela cena, imitando o andar do ladrão) Que andar mais esquisito! E você, Gaspar, não viu nada? Não vigiou a horta durante a noite, como era o seu dever? (Gaspar baixa a cabeça e procura escon-

LIVRE



-se na coluna do proscênio).

LÚCIA- Vamos Gaspar, explique-se. É para o seu próprio bem. Onde é que você passou a noite? (Gaspar indica que passou a noite na sua casinha. Entranna casa).

GASPAR- Uuu... uuu... uuu... (faz que não e mostra que estava dormindo).

MANECO- Como assim? Dormindo! É assim que você toma conta da horta? É assim que você é amigo de vovô? (para a plateia) Um cachorro que se preza nunca abandona o posto. (Gaspar dá latido de tristeza).

LÚCIA- (indignada) Não ofende o Gaspar, Maneco; quem sabe não deram remédio para êle dormir. (Gaspar, anima-se e dá saltos significando que sim).

MANECO- (intrigado) Será possível? Então o caso está se tornando mais grave. Muito mais grave.

LÚCIA- (sugerindo ao ouvido de Maneco) Florípedes e Simeão viram tudo.

MANECO- (dirigindo-se para os dois que estão em frente no banco e fazendo-os sentar. Durante o interrogatório Gaspar ficará encostado na cortina). Florípedes e Simeão respondem: o ladrão era alto ou baixo? (Florípedes subindo no banco, indica que o ladrão era alto e Simeão se abaixa relinchando, indicando que era baixo). Que negócio é este? Cada um viu diferente? (Os dois se olham e desmancham rapidamente o gesto. Florípedes desce do banco.)

LÚCIA- Era gordo ou magro? (Novamente Florípedes indica que era muito gordo e Simeão que era muito magro; percebem o erro e desmancham o gesto muito sem graça).

MANECO- Vocês estavam sonhando. Ora esta, vocês não servem para nada. Vão-se embora.

(Florípedes dá miados aflitos procurando chamar a atenção dos meninos para lhes dizer algo).

LÚCIA- (notando Florípedes) Espera, parece que Florípedes quer dizer alguma coisa. (Florípedes diz que sim).

MANECO- Vamos Flor, explique-se. (Junto com Lúcia, corre para a gatinha; esta afasta-se e inicia a mímica. Imita o andar do ladrão e depois finge que desmaia dando miadinhos finos).

LMVRE



LÚCIA- Você desmaiou quando viu o ladrão? (Florípedes diz que sim e Simeão mostra ao mesmo tempo que correu para socorrê-la) Ah, e você correu para socorrê-la quando ela desmaiou? (Simeão faz que sim, levanta Florípedes e saem correndo).

MANECO- E... depois foram embora correndo? (Simeão faz que não, tenta mostrar que quem saiu correndo foi o ladrão).

LÚCIA- Ah!... e o ladrão fugiu? (os dois respondem que sim)

MANECO- Ih!... Estou muito desconfiado. (Fala no ouvido de Lúcia) Podem ir agora. (Florípedes e Simeão saem) Mas tratem de abrir bem os olhos e os ouvidos. (Gaspar sai). (Maneco grita na direção em que os bichos saíram.) Todo o mundo aqui é suspeito! (para Lúcia) Estou muito desconfiado que Florípedes e o Simeão em dam mentindo.

LÚCIA- Ou então, Gaspar (sentam-se no palco)

MANECO- (para a platéia) Mas eles são tão amigos da gente! Por que é que haveriam de roubar as cebolinhas do ve lho? Eles não entendem nada de chá de ficar moço.

LÚCIA- Ele poderia ter roubado a cebolinha para trocar por um ôseo...

MANECO- É verdade, Lúcia. Você até parece detetive.

LÚCIA- Ao mesmo tempo acho o Gaspar incapaz de fazer uma coisa destas.

MANECO- Isso é verdade.

LÚCIA- Mas a Florípedes, não sei não.

MANECO- Ela é bem sapeca.

LÚCIA- Você se lembra de quando vovô plantou as cebolinhas? Florípedes miava de contente quando vovô disse que o chá fazia as pessoas ficar mais moça. Pensamos até que ela estava ficando louca.

MANECO- Me lembro sim, e saiu correndo, miando para o Simeão

LÚCIA- (levanta-se do banco) E essa história que os dois contaram não combinava nada.

MANECO- (também se levanta) É bom espiar bem esses bichos. Eles são muitos sabidos.



VOZ DE FORA- Ó de casa!

MANECO- (para a platéia) É o vizinho novo, Seu Camaleão Alface. (entra Camaleão).

CAMALEÃO- (ainda de fora) Onde está o Coronel? (vai entrando muito aflito) Onde está o Coronel? Preciso falar ao Coronel.

LÚCIA- Vovô está se vestindo, seu Camaleão Alface. Ele vai à cidade para...

CAMALEÃO- (quase não deixando as crianças falarem) Preciso falar com êle urgentemente.

MANECO- Ele vai à cidade contratar...

CAMALEÃO- O que aconteceu?

MANECO- Roubaram os pés da cebolinha.

CAMALEÃO- (correndo para o local do roubo) Não é possível! Qmo foi isso?

MANECO- Não sabemos ainda de nada. Vovô vai à cidade con-
tratar um detetive.

CAMALEÃO- Detetive?

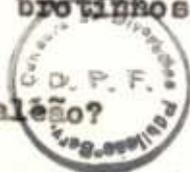
CORONEL- (aparece pronto para sair e emenda a fala com a do Camaleão)... um detetive para descobrir o raio do ladrão que levou minha cebolinha. (pegasa mão do Ca-
maleão e começa a sacudi-la enquanto fala) Como vai o Senhor? Como vai a Associação Protetora das Plan-
tas? (Camaleão tenta falar, mas não consegue) O Senhor continua presidente? Farei uma comunicação do roubo na próxima reunião. Agora vou à cidade con-
tratar um detetive. (sai andando)

CAMALEÃO- Um detetive? (corre atrás do Coronel e o detém) Um detetive para que, meu amigo? (com ar de grande su-
perioridade) Então não sabe que eu sou que eu sou formado em detetive?

CORONEL- O senhor?

CAMALEÃO- (andando lentamente no palco e muito convencido) Passei três anos numa universidade dos Estados Uni-
dos. (parado, para a platéia, e com malícia) Sou es-
pecialista em raptos de verduras, brotinhos, coi-
sinhas tenras e desprotegidas.

MANECO- Mas o senhor tem diploma, seu Camaleão?



CAMALEÃO-

Aqui está. (puxa ostensivamente um enorme diploma. Maneco e Lúcia começam a abri-lo. É tão grande que Maneco precisa subir no banco e Lúcia se ajoelha no chão para abri-lo completamente. O Coronel passa os olhos, encantado .

CORONEL-

Seu diploma é enorme seu Camaleão. (vai para junto dele). O senhor está nomeado meu detetive. (Lúcia solta o diploma que se enrola com ruído) Pagarei o que quiser.

CAMALEÃO-

Não cobrarei nada ao senhor. (adulador) Só quero a sua amizade. (empunha a lente e vai para o canteiro) Vejamos primeiro a pista. (consigo mesmo, examinando o local) Darei a vida para descobrir o mestério da cebolinha .

CORONEL-

(encantadíssimo) Muito obrigado, seu Camaleão Alfa ce. Vejo que o senhor é um verdadeiro amigo e protetor das plantas.

CAMALEÃO-

É das ciências, meu amigo. (coloca a mão no ombro do Coronel) A descoberta do chá de cebolinhas vai revolucionar o mundo periclitante da velhice. Comece - mos pelo...comêço. Vamos agir. Todos são suspeitos (Examina o avô e logo depois as duas crianças que levam grande susto) Todos ouviram? (passeia pelo pátio examinando tudo com a lente, examina também a cortina e acaba observando sua bota. Vai subindo com a lente e quando percebe o que está fazendo, diz) Quase todos! (para o Coronel) Vamos, tenho um plano (para os meninos) que ninguém saia de casa esta noite. Ordem do detetive Camaleão Alfa ce. (quase de saparecendo) Ninguém! (os meninos examinam o diploma. Camaleão torna a aparecer e tira o diploma dos meninos) Com licença, meninos. (para a platéia) É o diploma que faz o dedetive. (sai, solenemente).

(LÚCIA e MANECO saem atrás, Maneco irritado, Lúcia com grande admiração. Voltam logo depois)

LÚCIA- FORMID

Formidável este detetive. Que diploma!

MANECO-

Não gostei nada dele. Achei tudo muito esquisito. Você acha que um detetive anda sempre de revólver, diploma, medalha? Ele estava com cara de quem já sa

LÚCIA- É fardo de detetive, Maneco!

MANECO- Não sei, não... Mas também tenho um plano. Ainda ficaram dois pés de cebolinhas. O ladrão na certa voltará para roubar o resto.

LÚCIA- Ué, por que é que êle há de voltar, ora! A estas horas já deve estar bem contente com a cebolinha na barriga.

MANECO- (categóricamente) Um ladrão volta sempre ao local do crime, Lúcia. (baixo) Você não leu naquele livro?

LÚCIA- É mesmo, Maneco. (espantada) Então êle é capaz de voltar esta noite. O que é que vamos fazer? Quantos suspeitos você já tem?

MANECO- (pensativo) Florípides e Simeão podem ser os ladrões. Gaspar também. Seu Camaleão Alface também pode ser o ladrão. Todo o mundo pode ser o ladrão.

LÚCIA- Ah, isso é que não! Não consigo ver o Gaspar roubando cebolinhas. Tão bom que êle é... Nem Florípides, nem Simeão, nem seu Camaleão Alface... (para a platéia) Afinal, êle é o presidente da Sociedade dos Amigos das Plantas... Ele é um grande detetive!

MANECO- (implicado) Você é muito boazinha, Lúcia. As mulheres não podem ser detetives por isso. (para o público) Acham todo o mundo inocente. Um detetive precisa ser meio ruim, desconfiar até do próprio cachorro...

LÚCIA- (zangada) Puxa, é preciso ter o coração muito duro para desconfiar até do próprio cachorro, sabe? Isto eu não entendo, não entendo, não entendo.

MANECO- Não precisa entender nada sua bôba. Um detetive age sempre sem entender nada .

(Neste momento entra Gaspar. Fareja todos os lados, dirige-se para o canteiro, cheira as cebolinhas com grande cuidado e sai. Maneco e Lúcia observam-no atrás da cortina).

MANECO- Tá vendo, eu não disse? (faz menção de sair) Vamos embora, anda!

MANECO- (irritado) Pois então fique aí, sua boboca. Vou agir sozinho. (sai correndo).



(Entra Florípedes puxando Simeão pela mão. Sobe no banco e com pequenos miados e grandes gestos procura convencer Simeão, falando-lhe ao ouvido. Simeão não parece concordar. Por fim, fica irritado e sai para o meio do palco mostrando claramente que não concorda. Florípedes desiste e vai atrás d'ele, puxando-o pelo rabo até o canteiro. Argumenta novamente. Simeão vira-lhe as costas mostrando de novo que não concorda. Florípedes tentamais uma vez convencê-lo, usando de seus encantos felinos. Mas nada remove Simeão de sua decisão. Afinal, Florípedes, irritada, desiste e resolve executar seu plano sozinho. Simeão, apavorado de perdê-la, sai correndo atrás dela).

LÚCIA- (que assistiu a toda a cena escondida na cortina, e voltada) Oh, oh! ... (sai correndo, chamando) Maneco... Maneco... Maneco...

2º ATO

(Mesmo cenário. Está bem escuro. Entra Maneco vestido como ladrão no 1º ato, fazendo os mesmos gestos daqueles. Ouve um barulho e se esconde atrás do espantalho. Logo depois, entra Camaleão Alface vestido da mesma maneira. Ouve um barulho e corre a esconder-se no mesmo lugar de onde saiu. Isto depois de ter feito o mesmo que Maneco. Em seguida entram Florípedes e Simeão, repetindo a mesma cena que os outros dois. Voltam a esconder-se atrás da árvore de onde saíram. Volta Camaleão, arranca uma cebolinha e dá a volta no palco. Ao passar pelo espantalho é seguido de Maneco e este, por Florípedes e Simeão. Dão volta pelo palco num ritmo. Ouve-se o coçar de um sapo. Param juntos. Camaleão volta-se e dá com os outros. Grande confusão e correria). (Todo o andar dos personagens deve ser seguido do barulho de lixa, reco-reco, etc.).

MANECO- Peguei o ladrão!

CAMALEÃO- Me larga, menino, sou Camaleão, o detetive, e o ladrão é você.

(Mais confusão e gritaria até que entra o Coronel de ceroulas, dando a mão a Lúcia carregando um lampião na mão. A cena se ilumina e o Coronel vê o detetive agarrado em Maneco. Florípedes e Simeão, apavorados, estão encostados à cortina).

CORONEL- (entra gritando) que barulho infernal é esse? Param de gritar (vendo a cena) Meu Deus, que quantidade de ladrões! (ilumina cada ladrão com o lampião) (Lembra das cebolinhas e corre a examinar o canteiro) Roubaram o meu segundo pé de cebolinhas! (senta-se desolado no banco).



CAMALEÃO- (tirando o disfarce) Pode ficar certo, Coronel, que o ladrão está por aqui.

CORONEL- Tanto ladrão para uma pobre cebolinha!...

CAMALEÃO- (senta-se pressuroso junto ao Coronel) Pus este disfarce para ver se confundia o larápio, e o senhor há de perceber que aqui há dente de coelho.

MANECO-) também tirando o disfarce) Também pus o disfarce para o ladrão se confundir, vovô.

CORONEL- (irônico, levanta-se e dirige-se aos bichos) É, e vces dois aí no canto, também puseram disfarce para ver se pegavam o ladrão mais facilmente, não é? (Florípedes e Simeão, aterrorizados, meneiam a cabeça, dizendo que sim. O Coronel senta-se novamente diz lamurioso) Que confusão dos diabos vocês fizeram! É assim que me ajudam? O que vocês estão fazendo é ajudar o ladrão. Com isto ele roubou minha segunda cebolinha, e adus chá da longa vida!

CAMALEÃO- (indo para o meio do palco e tomando conta da situação) Todos os presentes são suspeitos. Desobedeceram à minha ordem de não sair à noite.

MANECO- E o senhor também!

CAMALEÃO- Menino pare de falar. (maciamente) Sr. Coronel, um detetive não tem coração quando está trabalhando. (enérgico) Vou ser obrigado a ser muito severo com seu neto. É preciso que todos me obedeam. Vamos, quero vocês aí enfileirados para uma inspeção. (todo amável para o Coronel) A cebolinha raptada deve estar não muito longe.

(Maneco recusa-se a obedecer. Camaleão tira o revólver da cintura e começa a examiná-lo. Lúcia, aterrorizada, tenta convencer Maneco).

LÚCIA- Anda, Maneco, trate de fazer o que ele quer. Pelo menos por enquanto. (Maneco a contragosto, põe-se também em fila ao lado dos bichos).

CAMALEÃO- Mostrem as mãos. (Ele e o avô as examinam) Mostrem a boca. (puxa o Coronel para o centro do palco e diz-lhe, confidencialmente) Talvez o suspeito tenha engulido a cebolinha na hora da confusão, e o cheiro deixado na boca será uma pista preciosa. (Volta aos bichos e cheira a boca do Simeão e Florípedes. Torna a cheirar Florípedes, camaleão e Coronel nova



mente para o centro do palco e diz-lhe) Está um chei
ro suspeito. (Florípides mia de medo. Camaleão vol
ta aeela, cheira-a novamente). Suspeitíssimo. (Flo
rípides começa a tremer tãda e a miar apavorada.
Ouvem-se latidos sofredores cada vez mais fortes.
Todos correm para o centro do palco, deixando Cama
leão sòzinho).

CORONEL- O que é isto?

MANECO- É o Gaspar!

(Chega Gaspar cambaleando e querendo latir qualquer coisa. Não con
seguindo cai desmaiado. Todos se precipitam sôbre ãle).

LÚCIA- (enquanto Gaspar cambaleia) Pobre Gaspar! Está su
ando em bica. (Gaspar cai e todos se precipitam sô
bre ãle dizendo juntos) Desmaiou!

CAMALEÃO- Peço silêncio e concentração geral.

MANECO- Depressa, Lúcia vá chamar o médico.

(Lúcia sai correndo).

CAMALEÃO- Afastem-se (empurra todos, Maneco cai no chão. Ca
maleão examina Gaspar com a lente. Por fim, apon
tando a pata do cachorro exclama) Oj, veja, sr. Co
ronel!

CORONEL- (cai de joelhos, diante de Gaspar e com os braços
abertos, muito patético) A segunda cebolinha! G as
par, Gaspar, meu cachorrão de confiança, como é que
teve coragem de fazer uma coisa dessas? (chora)

MANECO- (correndo para junto do avô) Mas, vovo, isto não p
va que ãle seja o ladrão. Você acha que quem rouba
qualquer coisa vem desmaiar aos pés do detetive? Só
se fôr muito bôbo...

CORONEL- Isto é verdade. Mas então quem teria pôsto a cebo
linha na pata de Gaspar?

MANECO- Ora, o ladrão, quem sabe...

CAMALEÃO- (que todo o tempo escutava e olhava de esguelha o
Coronel, interrompe a frase e empurra o menino)
Quem tem que descobrir o ladrão sou eu. Não sou de
tative? Peço ao menino que não de mais nenhum pal
pite. (volta todo sorridente para junto do Coronel)
Sr. Coronel, temos uma nova pista. O cachorrão Gas
par é o suspeito número 1.



MANEKO- Aí vem o médico. Vamos ver o que êle tem a dizer.

(Chegaa médico vestindo um fraque, cartola e uma malinha. Entra andando com passos miúdos, rápidos, olhar vago. Desce para a platéia e só se volta ao perceber que todos o chamam) É aqui, doutor! É aqui!

CAMALEÃO- (Com ares importantes) Doutor, é de suma importância que este animal recobre a razão. Talvez que por detrás desse silêncio cachorril tenhamos a chave de te horrível roubo, de duas preciosas cebolinhas perpretado nesta horta que pertence ao honrado senhor Coronel José Felício dos Reis (é interrompido pelo Coronel que o cumprimentou)... amigo das plantas e da ciência da longa vida.

MÉDICO- (que é surdo) Quer fazer o favor de falar mais alto?

CAMALEÃO- (Mais alto) Digo que aqui neste local, pertencente ao Coronel José Felício dos Reis (novo cumprimento do Coronel)... perpretou-se um horrível roubo de duas preciosas cebolinhas oriundas da Índia.

MÉDICO- (Tira da mala um enorme estetoscópio e o põe no ouvido) Está moribunda?

CAMALEÃO- (Perdendo a paciência) Examine este cachorro!

MÉDICO- (Ausculta Gaspar. Ouve-se um barulho de pulsação do coração, bem alto. A medida que o médico muda de lugar o estetoscópio, na orelha, no rabo, na pata, o barulho também muda, mas conserva o mesmo ritmo) Ou é febre coreana...

TODOS- Oh! (O médico ausculta novamente).

MÉDICO- Ou é remédio para fazer dormir.

LÚCIA- Pobre Gaspar!

CAMALEÃO- (Sinistro) Talvez o criminoso!

MÉDICO- (Auscultando novamente) Remédio para fazer dormir. (Tira da mala um grande vidro de sais, e sacode-o para lá e para cá, num movimento largo, em frente ao nariz de Gaspar. O cachorro mexe um pouco as patas, até que volta a si latindo. Levanta-se de repente, e vendo os bichos com a capa, assusta-se e corre de um lado para o outro e acaba ajoelhando aos pés do Coronel latindo tristemente).

CORONEL- (Afagando-o) Ele é mesmoo suspeito, sei Camaleão?



CAMALEÃO-

(Duro) Cada vez mais. (Examina as patas de Gaspar) Tirarei as impressões digitais e amanhã de manhã certamente terei que chamar a polícia para dar ordem de prisão ao Gaspar. Ninguém deve sair estante. Ficarei com meu revólver vigiando. Se eu vir alguém, podem ficar certos que atirarei sem piedade. O coração de um detetive no trabalho é duro como pedra. (Tira os revólveres da cintura) Ninguém deve desobedecer. (Aponta os revólveres para os bichos) Olha que eu atiro mesmo. Os bichos aterrorizados levantam as mãos, inclusive Gaspar). Agora vamos Gaspar. Tirarei suas impressões digitais. (Pega uma corda e começa a amarrar as mãos do cachorro. Durante esta fala, o médico, que logo após Gaspar ter recobrado os sentidos havia se afastado para um lado, observa curiosamente Camaleão que está de costas para ele. Tira da mala um enorme termômetro, limpa-o, abaixa a temperatura, etc. Fica ocupado nesta mímica durante todo este tempo).

CAMALEÃO-

Vamos, Coronel. Pode ficar descansado. O ladrão será desmascarado até amanhã de manhã. (Lança um terrível olhar a Gaspar que está aterrorizado) A polícia! Sai puxando Gaspar pela corda que deve ser comprida. E vai marchando ao som da batida marcial de um tambor, acompanhado pelo cachorro, pelo médico que sai de termômetro em punho atrás do detetive, e pelo Coronel que vai levado pelo ritmo).

CORONEL-

(Ao sair, abanando com um enorme lenço branco) Deus minha última cebolinha verde! Deus te guarde para o bem da humanidade!

MANECO-

Estou desconfiadíssimo.

LÚCIA-

Eu também.

MANECO-

Acho impossível o Gaspar roubar a cebolinha e vir pois desmaiar bem nos pés do detetive.

LÚCIA-

Temos que dar um jeito, Maneco! O que não se faz é prender o Gaspar sem saber ao certo se ele é o ladrão...

MANECO-

É uma injustiça. Vovô não devia permitir D. P. F.

LÚCIA-

Vovô só pensa nas suas cebolinhas e vai desconfiando do detetive.

MANECO- Temos que agir esta noite. (Anda pensativamente, mas resolutamente dando voltas pelo palco, com Lúcia atrás a flitíssima).

LÚCIA- É melhor você não se meter, mais, Maneco. O detetive disse que ficaria de revólver esta noite protegendo a última cebolinha viva. Para quem aparecer ele prometeu um tiro, não foi, gente? (para a platéia).

MANECO- É, Lúcia, mas você tem que ver que agora não é somente a cebolinha de vovô que estamos querendo salvar. É também o pobre do Gaspar que está correndo um perigo muito sério. São capazes de fazê-lo virar salsicha.

LÚCIA- Você tem razão, Maneco, a gente não pode deixar que façam uma injustiça com o Gaspar. Coitadinho, se ele não é o ladrão, não deve pagar o pato.

MANECO- Temos que dar um jeito...

LÚCIA- Maneco, e se fosse mesmo a Florípedes, hem? Com aquela carinha de medo fingido...

MANECO- Eu já disse que ela é muito sapeca...

LÚCIA- E o Sineão, sempre caladão?

MANECO- A gente nunca sabe. Esses bichos muito calados são um mistério.

LÚCIA- (corre para Maneco) E o Camaleão Alface?

MANECO- Eu acho que ele não é detetive coisa nenhuma... (passeia pela cena preocupado)

LÚCIA- A gente tem que descobrir ainda esta noite. Porque senão... era uma vez um cachorrão que virou salsicha...

MANECO- (Vai até a cebolinha) Adeus a última cebolinha da Índia... Coitadinho do velho. Ficará maluco sem seu pezinho de cebolinha. (Fica observando a cebolinha)

LÚCIA- (Pula a cerca e chega perto da cebolinha, enquanto Maneco passeia ao fundo da horta) Ah! Tive uma idéia. E se a gente passar uma cerca em torno dela? Ninguém poderia arrancá-la.

MANECO- Não sei não...esses ladrões são tão espertos, vocês não acham? (para a platéia)



LÚCIA- E se puséssemos uma armadilha?

MANECO- Uma armadilha não adianta nada. E onde vou arran-
jar uma armadilha agora? (passeia para lá e para cá
em frente ao espantalho. De repente pára diante de
le e de um salto abraça-o) Lúcia, tive uma idéia.
(Corre para Lúcia que já havia saído da horta e es-
tá na beira do palco) Vou me fingir de espantalho.
Ninguém vai desconfiar, não. (Volta para o espanta-
lho) E quando o ladrão aparecer para roubar a cebo-
linha, nhac... (começa a despir o espantalho).

LÚCIA- (Medrosa) Mas isto é muito perigoso para você, Ma-
neco. Imagine se o detetive descobre! Pode atirar
nêle, e adeus meu irmão. É melhor desistirmos des-
ta idéia.

MANECO- Tomarei muito cuidado em não mexer nem com o de -
dinho do pé.

LÚCIA- (Tenta demovê-lo da idéia, e procura pegar o casa-
co do espantalho) Desista, Maneco, o melhor é nós
dois ficarmos vigiando ali atrás daquela árvore.

MANECO- Não sua bôba. Ali é muito longe. Eu vou ficar aqui
mesmo. Ninguém vai desconfiar. E depois, Lúcia, a
gente tem que salvar a vida de Gaspar de qualquer
maneira.

LÚCIA- Então ficarei atrás da árvore vigiando você.

MANECO- Ah! isto é que não. Você vai ficar bem quietinha na
sua cama, rezando por mim e pelo Gaspar.

LÚCIA- (Decidida) Se você não deixar eu ficar atrás daque-
la árvore, vou agorinha mesmo contar ao detetive que
você quer se vestir de espantalho!... (Dirige-se na
direção por onde saiu o detetive)

MANECO- Não! Lúcia, venha cá. Tá bem! Você ficará escondi-
da atrás da árvore, mas muito cuidado para não fa-
zer nenhum barulhinho. (Os dois juntos para a pla-
téia).

OS DOIS- Sabe pessoal, a gente vai pregar um susto no dana-
do do ladrão!!! (Saem)



TERCEIRO ATO

(Mesmo cenário. Cena escura. É noite. Surge Lúcia cautelosamente, es pia para todos os lados, leva uma corda na mão).

LÚCIA- Pode vir, Maneco. Não vem ninguém. Cuidado, não fa-
ça barulho. O Camaleão deve estar rondando por aí.

(Aparece Maneco disfarçado em espantalho. Os dois se encaminham pa-
ra a horta, quando se ouve o coaxar de um sapo. Assustados, correm
para o lugar de onde saíram e põem a cabeça fora da cortina).

MANECO- Você ouviu?

LÚCIA- Ouvi, mas não vejo nada. (O sapo torna a coaxar) É
Papão, o sapo martelo. Que susto.

MANECO- Posso ir agora?

LÚCIA- Espera aí! (Olha atrás do muro) Pode vir, mas cui-
dado para não fazer barulho.

(Maneco entra na ponta dos pés e dirige-se para o lugar do espanta-
lho. Lúcia ajuda nos últimos arranjos).

MANECO- Anda, Lúcia, vá se esconder. Não quero que ninguém
nos veja.

LÚCIA- Já vou, mas não se mexa, sim? Você está com medo?

MANECO- Um pouquinho.

LÚCIA- Então coragem, meu irmão. (Fazem o sinal da cruz.
Ouve-se o barulho de vozes).

MANECO- Corre, Lúcia, lá vem gente. (Lúcia se esconde, Ma-
neco fica imóvel na posição do espantalho. Move só
os olhos. Entram coronel e detetive).

CORONEL- Não me entra na cabeça que o Gaspar seja o ladrão.
Ele tem sido um ótimo cão de guarda. Nunca roubou
nem um ossinho de galinha!

CAMALEÃO- Nem um ossinho de galinha? Coronel, então o caso é
grave. Seu cachorro é danado.

CORONEL- Será possível? Ele era guarda da horta. Na certa, de
tantoguardar as minhas cebolinhas ficou tentado e
não resistiu...

CAMALEÃO- Hoje faremos a prova final. Soltaremos o Gaspar; êle
na certa, cada vez mais guloso, virá roubar a últi-
ma cebolinha. (Empunha os revólveres) Ficarei de gu-



arda com estes revólveres e... (para a casa do Gaspar) pum... pum... adeus cachorro ladrão.

CORONEL- (Abaixa timidamente os revólveres do detetive) Não precisa de revólver, seu Camaleão. Gaspar é cachorro manso. Basta uma corda.

CAMALEÃO- (Guarda os revólveres) Uma corda para prender cachorro danado e guloso? O sr. está maluco... Não sabe o que é gula de cebolinha... (lambe os beiços).

CORONEL- (Muito impressionado) O sr. não quer que eu fique também para ajudá-lo na captura?

CAMALEÃO-)Rápido) Não! Quer dizer...quero prender o ladrão sozinho. Está em jogo minha honra de detetive.

CORONEL- Está em jogo é a minha última cebolinha verde, ora! ... (sentido)

CAMALEÃO- Coronel! Está quase na hora. É melhor o senhor entrar e fechar bem as portas. Sobretudo, não deixe seus netos saírem. Prenda-os no quarto, à chave. O sr. sabe como é cachorro danado... Hei de pegá-lo com a pata na cebola!

CORONEL- Fecharei bem a casa. Mas se o sr. precisar de alguma coisa é só apitar, que virei a jato com minha espingarda. (dá uns passos meio trôpegos, fazendo gestos de ter a espingarda empunhada).

CAMALEÃO- Depressa, coronel. Não há mais tempo a perder. (empurra o coronel para fora).

CORONEL- Adeus, formosura da Índia. Fique certa que estarei te você será bem protegida.

(MANEÇO faz que sim com a cabeça sem ser visto, e Camaleão também, com cara sinistra).

(Acreditando-se só, Camaleão revela o horrível caráter que tem, dando risadas e caminhando de um lado para outro do palco).

CAMALEÃO- Ha, ha, ha, ha! O velhote está crente que sou detetive! Detetive coisa nenhuma! (Arranca o bigode e a estrêla de sherif, joga-os no chão) Sou mesmo é ladrão de cebolinhas. Todo mundo vai pensar que foi o cachorro. Botei direitinho a culpa para cima daquele bobão... Darei dois tiros no bicho e todo o mun



do ficará pensando que foi êle o ladrão. Então poderei roubar o último pé de cebolinha. Farei o chá e venderei para todos os velhos que andam por aí querendo virar moços! Ficarei milionário! Quem quer comprar chá de ficar moço?... Todo mundo vai querer. Ainda bem que o Coronel prendeu o Maneco e a Lúcia. Aquêles dois são sábidos demais. Estão agora trancadinhos no quarto. Ha, ha, ha! O Maneco deve estar furioso... Bem feito... Quem manda se meter comigo. Sou mau de nascença. A gata, (imita a gata) e o burrico (idem) são uns idiotas. Vou botar remédio de dormir no capim em que êles dormem. Dormirão muito bem e não me atrapalharão. Agora vou começar a agir. que horas são? (tira um grande relógio do bolso) Meia noite. À meia noite e quinze, a cebolinha estará no ponto de ser colhida. Vamos ver o que diz o livro de receitas. (tira um livro de receitas do bolso e ao folheá-los, vai dizendo) chá de alface, chá de agrião, chá de hipopótamo... etc... chá de cebolinha... chá de cebolinha da Índia para rejuvenescer... misturam-se (faz o gesto) três cebolinhas num litro d'água. A cebolinha deve ser colhida à meia noite e quinze em ponto. É isso mesmo. Vamos Camaleão Alface! Está na hora de vestir a roupa do ladrão. O campo está livre. Pode roubar em paz... Adeus, conversa de detetive!... (corre).

MANECO-

(Saindo da posição de espantalho) Patife! Ladrão! Mentiroso!

LÚCIA-

Bandido, sem vergonha, desalmado, Enganou o vovô.

MANECO-

Acusou o Gaspar... e ainda por cima quer levar o último pé de cebolinha. Mas êle há de pagar!

LÚCIA-

Maneco, estou morrendo de medo. Nunca vi tanta ruindade junta! Vamos chamar o vovô?

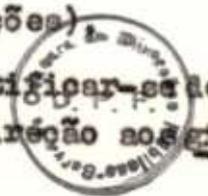
MANECO-

Você está louca, Lúcia. Infelizmente o Camaleão conseguiu convencer o velho. E se êle nos pega, vai nos trancar no quarto e adeus plano. Temos que agir sozinho com a ajuda de Deus. (ouve-se um barulho).

LÚCIA-

Depressa, vem alguém. (Retomam as posições)

(Entra Florípides pé ante pé. Percorre o palco para certificar-se de que está só. Satisfeita, encaminha-se para a horta em direção ao gi



rassóis que estão junto ao muro. Arranca um deles e dirige-se para o banco, onde se senta muito contente e dengosa. Começa a tirar as pétalas.)

FLORÍPEDES- Misu-me-quer... misu-mi-não...

MANECO- (chamando) Florípedes!

(A gata levanta-se, dá alguns passos, vai andando devagar para o espantalho. Quando está perto, Maneco torna a chamar, e quando ela percebe que a voz vem do boneco, desmaia num grande miado. Maneco e Lúcia correm para a gata, abanando-a).

MANECO- Flo, sou eu, Maneco.

LÚCIA- Florípedes! Florípedes acorda, anda! (Florípedes a corda e levanta-se, olhando muito espantada para Maneco, sem compreender nada) Temos só 10 minutos para pegar o ladrão e você ainda pensa em fazer mal-me-quer com girassóis!

MANECO- Descobrimos que o ladrão é o Camaleão Alface e temos que pegá-lo daqui a pouco.

(Florípedes mia assustada e corre, metendo-se na casa do cachorro. Maneco puxa-a pelo rabo).

MANECO- Aí não, Florípedes. Você quer nos ajudar a pegar o ladrão? (Flo diz que sim) Então vá depressa, porque o Camaleão botou remédio de fazer dormir no capim em que vocês dormem.

(Flo está indignada. Sai furiosa a procura de Simeão).

LÚCIA- E onde está o pobre Gaspar? Tenho medo que o ladrão atire nêles antes do roubo.

MANECO- Não há perigo porque êle tem que roubar a cebolinha à meia noite e quinze. Que horas são?

(Entra Flo empurrando Simeão que está meio tonto).

LÚCIA- Aposto que Simeão está meio tonto. Deixa eu cheirar. (cheira) Você está se sentindo bem? (Simeão relincha que mais ou menos).

MANECO- Vocês querem ajudar a pegar o ladrão? (os dois fazem que sim) Então vão se esconder com a Lúcia. Cada um pega um pau. Lúcia, você está com a corda?

LÚCIA- Está ali detrás da árvore.

(Maneco e os bichos saem pelo portão a procura de um pau. Flo pega um gravetinho e corre a mostrar à platéia, cheia de orgulho. Maneco a empurra para trás da árvore, mas ela escapa novamente; Lúcia



vai buscá-la. Simeão arma-se de um grande pedaço de pau, que também mostra à platéia. Maneco tem dificuldade para colocá-lo atrás da árvore. Há momento de confusão no palco).

MANECO-- Muito bem, depressa! Todos em suas posições!

(Voltam todos as suas posições. Pausa. Silêncio. Camaleão entra vestido de ladrão e consulta um relógio).

CAMALEÃO-- Meia noite e quinze no meu Pateque Cebola. A minha cebolinha está no ponto de ser colhida. Tôda a família está dentro de casa dormindo que nem anjinhos. Ha, ha, ha! (os meninos fazem eco da gargalhada; Ha, ha, ha! Camaleão para assustado e diz: Eco. Ha, ha! (novo eco) (Camaleão assustado) Eco? (escuta um pouco e ouve nada) (Tranquiliza-se) Os meninos estão presos no quarto... A bobinha da gata (Flo tenta avançar, mas Lúcia não deixa) com o idiota do burro (Simeão avança, é contido por Lúcia) estão roncando a estas horas. Estou sozinho. (vai para a cebolinha) Venha cebolinha, venha virar chá para enriquecer o Camaleão. (vai se abaixando e Maneco prepara-se para lhe dar uma paulada, quando o sapo coxa. Camaleão assusta-se, fazendo com que Maneco volte a sua posição, assim como os outros. Camaleão investiga, podendo dar voltas na árvore com os três que rodam aterrorizados atrás. Ouve-se novamente o sapo. Camaleão tranquiliza-se e volta para a cebolinha. Quando se abaixa, Maneco lhe dá uma paulada. O tambor bate forte. Camaleão levanta, pula a cerca meio tonto e avança para a frente do palco cambaleando. É rodeado por Maneco, Lúcia com a corda e os bichos.)

MANECO-- Cambaleia, seu Camaleão de uma figa. (Camaleão cambaleando executa uma dança, caindo de um lado para outro, acompanhado por todos que cantam a música de Samba Lelê; cada passo é marcado com a batida de tambor).

TODOS-- Camaleão tá doente,
Tá com a cabeça quebrada,
Camaleão precisava,
É de uma boa paulada.

(Todos dançam em volta de Camaleão cantando o estribilho e pois, conduzindo-o ao banco, tenta amarrá-lo).



Camba, camba, cambaleão,
Camba, camba, cambaleão.

CAMALEÃO-

(No meio de todos) (Numa grande confusão) Me deixa menino, me larga, me larga, sua gata feia. Sai burro idiota. Chamarei o Coronel, e provarei que vocês que são os ladrões.

(Luta e consegue fugir. Os meninos e os bichos têm um momento de hesitação e surpresa, mas logo Maneco sai correndo gritando "pega ladrão", seguido por todos. Passam uma vez correndo e saem mais uma vez. Aí entra o médico, segurando uma enorme tripa de jornal e gritando).

MÉDICO-

Sr. Coronel, sr. Coronel, veja!

(Passa correndo Camaleão e dá um encontrão no médico; logo em seguida entram todos e cada um dá seu encontrão no médico, virando-o para cada lado. O médico fica aturdido no meio da cena. Entra Camaleão novamente, e tenta fugir por entre as pernas do médico. Este se abaixa e Maneco pula por cima dele, Lúcia também pula, Flo não consegue e Simeão derruba-o num espetacular tombo. Camaleão consegue fugir pelo outro lado. Voltam todos e procuram o ladrão. Flo aproxima-se mais de Camaleão que tenta escapar por detrás dela, quando está bem perto, solta um miado agudíssimo. O ladrão assusta-se e tenta fugir. Grandes miados, relinchos e gritos. Entra o Coronel com a espingarda).

CORONEL-

O que foi? Pegaram o Gaspar com a pata na cebola? (Vê que Camaleão é o culpado) O que? Então o sr. que se dizia meu amigo... é o...

MÉDICO-

Veja, veja, seu Coronel. Estão procurando um terrível ladrão de hortas e veja o senhor com quem ele se parece.

CORONEL-

(Pega o Jornal e dá a arma para o médico que a coloca no ombro em posição dessentido) É este mesmo. Seu Camaleão Alface (lendo) cujo verdadeiro nome é Camaleão Tiririca (faz cara de nojo para o ladrão) roubou a horta da rainha Elizabeth e fugiu para o Brasil. (apanha a espingarda e aponta-a para Camaleão. Irá para a prisão agorinha mesmo.

MÉDICO-

Espera um pouco, Coronel. Quero ouvir de novo o coração deste desgraçado. (aproxima-se do culpado e diz) Levanta. (ausculta-o, ouve-se barulho horrível) Nunca escutei coração tão ruim. (ausculta no-

vamente). (Camaleão baixa a cabeça envergonhado).
 Ele bate assim desde pequenininho.

CAMALEÃO-
 MÉDICO- Sr. Coronel, este ladrão não precisa de prisão... O que ele precisa é de hospital. (ausculta novamente) O coração está completamente viciado em ruína de. É uma charanga velha.

CORONEL- O sr. querendo pode levar.

MÉDICO- Vamos, o sr. é um caso muito sério. Precisa de tratamento urgente. (sai, puxando Camaleão por uma corda).

CORONEL- Graças a Deus estamos livres. Maneco e Lúcia, vocês foram realmente muito corajosos. São os melhores netos do mundo. Que grande idéia vocês tiveram com esse espantalho. (Flo mia) E você também, Florípedes. Gostei de ver. Ganhará uma fita nova. (Flo mia toda dengosa e Simeão relincha) E você também, Simeão, é um burro muito inteligente. Terá ração dupla de capim, hoje. (Simeão relincha satisfeito).

LÚCIA- E Gaspar? por onde andarás Gaspar?

MANECO+ Gaspar! Gaspar!

(Ouvem-se latidos de Gaspar. Maneco sai e volta com o espantalho. Veste-p e coloca-o no lugar. Entra Gaspar trazendo um revólver, chapéu de explorador e a lente do detetive. Todos riem dele que, ofendido, joga tudo no chão. Florípedes entre miados agudos, conta-lhe que o ladrão foi preso e já partiu. Gaspar, valente, então late ruidosamente na direção por onde saiu Camaleão. Os bichos e os meninos dançam em volta do Coronel.)

CORONEL- Muito bem. Muito bem. Agora vamos todos dormir em paz. Vocês devem estar muito cansados. Boa noite para todos. Amanhã farei o primeiro chá de cebolinhas e todos podem provar um pouco. (Flo mia de satisfação) A cebolinha que ficou dará outros pezinhos e daqui a dois anos teremos uma grande plantação. (Saem os bichos).

MANECO- Boa, digo, Benção, vovô. (Beija-o).

CORONEL- Boa noite, meu neto detetive.

LÚCIA- Boa noite, vovô. (Beija-o).

CORONEL- Boa noite, minha neta detetive. (Saem os meninos).



O Coronel corre para a cebolinha)

Boa noite, iminha linda cebolinha, meu cházinho da Índia. Agora você poderá crescer em paz. (Para a platéia) Boa noite para vocês todos. Voltou a paz no sítio do Coronel. Vou tirar uma soneca.

(Sai assobiando alegremente. Coaxa o sapo. Ao passar pelo banco, o Coronel pega na espingarda e a põe no ombro. Mas meneando a wabeça, larga-a e sai com o ancinho aos ombros.

